

Mongólia e a paisagem transparente

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy¹

Resumo: Este texto discute as possibilidades da identidade na narrativa de Bernardo Carvalho. Três autores em três relatos com tipos de letras e temporalidades diversas dão conta de viagens numa mesma paisagem, a Mongólia, construindo um mosaico de vozes em que predominam as distorções e ambivalências. Nada parece ser o que é nos fragmentos espelhados, assim como na percepção de cada sujeito do contato com o oriental, tão diverso de si. O efeito de descentramento das personagens sintetiza os conflitos de civilizações na era da globalização mundial, fonte paradoxal de uniformidade e dispersão.

Palavras-chave: Bernardo Carvalho – identidade – descentramento

Resumen: En este texto se discute las posibilidades de la identidad en la narrativa de Bernardo Carvalho. Tres autores en tres relatos con temporalidades distintas tratan de viajes en un paisaje, Mongolia, construyendo un mosaico de voces de distorsiones y ambivalencias. Nada parecer ser lo que es en los fragmentos, así como en la percepción de cada sujeto que se pone en contacto con el orienta, tan diverso de sí. El efecto de descentramiento de los personajes sintetiza los conflictos de civilizaciones en la era de la globalización mundial, como una paradoja de uniformidad y dispersión.

Palabras-clave: Bernardo Carvalho – identidade – descentramento

Isso é, para mim, o Ocidente: uma pequena porção do mundo, cujo estranho e violento destino tem sido o de impor pela força ao resto do mundo suas maneiras de pensar, de ver, de crer e de viver. É certo que o mundo tem se rebelado contra o Ocidente, que tem conseguido fazê-lo perder a sua posição de supremacia, mas não esqueçamos que quase todos os meios de que se tem utilizado para opor-se ao seu jugo no mundo e reduzir a sua influência têm sido forjados pelo próprio Ocidente. (Claude Lévi-Strauss)

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela UFRGS e professora do Departamento de Literatura Portuguesa na UFRGS.

Vencedor do Prêmio Jabuti em 2004, o romance *Mongólia*, do carioca Bernardo Carvalho, é fruto de uma inusitada aventura editorial e cultural: a editora portuguesa Livros Cotovia e a Fundação Oriente, de Lisboa, financiaram uma estadia do brasileiro na Mongólia, em 2002. Dessa experiência resulta o romance, misto de relato de viagem e ficção. Qual o sentido de viagem numa época em que tudo parece estar ligado a tudo, nenhum lugar por ser descoberto? O que espera um brasileiro viajante na Mongólia?

Num contexto que Octavio Ianni (2003) chama de mundialização da cultura, os homens encontram-se interligados pela sociedade global, marcada por um processo complexo de interferências mútuas entre civilizações mais ou menos desiguais. Considerando que os antigos estados nacionais encontram-se submetidos às condições de organizações e agências transnacionais, é preciso abordar, de modo mais complexo, tribos, nacionalidades, nações, posto que “ampliam-se e generalizam-se outras e novas condições de realização das diversidades, singularidades e universalidades. Os indivíduos, os grupos, as classes e todos os outros setores sociais adquirem distintas possibilidades de se desenvolverem e se expressarem”. (2003, p.102-3).

No caso específico de sociedades periféricas, o modo como se deu a ocidentalização implicou a violência da colonização. Recuperando a citação de Lévi-Strauss, se os meios de oposição ao pensamento do Ocidente também foram por ele forjados, não é menos certo que passam por um processo de ressignificação:

combinados com os meios peculiares de que dispõem, essas sociedades “conferem novos significados aos meios originários do Ocidente” (IANNI, 2003, p.86). Assim, mesmo sendo “exóticos, fora do lugar, não-contemporâneos, fetichizados”, “as condições sob as quais vivem os não-ocidentais tanto podem levar a mutilações como a recriações”. (IANNI, 2003, p.87)

Trata-se, pois, de demonstrar em que perspectiva, considerando as circunstâncias globais da modernidade, enquadrar *Mongólia*. Nesta narrativa, um brasileiro refaz, nesse início de século XXI, o caminho das descobertas iniciadas pelos portugueses no século XV. No entanto, dessa aventura expansionista pouco se mantém. Incentivado por instituições lusitanas, cabe a Bernardo Carvalho redescobrir o Oriente possível a luso-brasileiros e, talvez, revelar em que medida mutilações ou recriações perpassam a experiência dos indivíduos nesse lugar do globo. Pode-se afirmar, salvo engano, que as atenções lusas se voltam, desde meados de 80, com o ingresso na Comunidade Européia, a discutir sua vocação como Europa. Iniciativas de integração com o mundo lusófono existem, inclusive do ponto de vista estatal, mas pode-se dizer que não ocupam lugar central. No dizer de Eduardo Lourenço (1999), trata-se de um sonho de um só sonhador, estando brasileiros e africanos mais próximos entre si e alheios à antiga metrópole. Na perspectiva de Miguel Real (1998), os portugueses estariam todos unidos numa massa amorfa no caldeirão social da uniformidade e no rio abstrato do que é o ser-europeu, o que faria eco ao que o Bernardo Soares pessoano já pressentira: o

vazio, a ausência de ideal, a medianização dos sentimentos, a inércia, o sepulcral tédio da igualitarização e da homogeneização sociais. A atual personalidade do português, assim, o situa como asfixiado em vídeos e futebóis e em informação televisiva, consumidor de frivolidades (e não de livros): imaginariamente igual, normalizou-se aos hábitos dos europeus médios.

A narrativa de Bernardo compõe-se de um relato encaixado nos moldes das coleções de bonecas russas, que, à medida em que são abertas, revelam outra menor no seu interior. Tem-se, em termos de enredo básico, o desaparecimento de um jovem fotógrafo brasileiro na Mongólia, que mobiliza um diplomata a nomear um vice-cônsul do Brasil em Xangai para refazer o trajeto do jovem e descobrir seu paradeiro. Por fim, seis anos depois, no Brasil, esse diplomata recebe a notícia da morte do subordinado na tentativa de pagar o resgate pedido pelos seqüestradores de seu filho. Chocado com o ocorrido, lembra que havia guardado e nunca mais mexido em alguns papéis enviados pelo antigo colega de profissão. Descobre, então, dois diários. Num deles, o funcionário narra seu périplo em terras mongóis até encontrar o rapaz desaparecido e, no outro, o fotógrafo dá a sua versão sobre os motivos que o levaram a uma viagem desesperada nos confins da Mongólia. O narrador que organiza os relatos anteriores vem a ser o próprio diplomata, constituindo o referido jogo de encaixe em que se alternam, em tipos de letras diferentes, os trechos desses dois diários, entremeados pelos comentários do organizador que, como o leitor, vai pouco a pouco se apropriando da viagem de cada um. No entanto, há lapsos em cada um deles, suposições e mentiras

envolvem as relações estabelecidas entre os ocidentais e os orientais. Impossível descobrir suas reais motivações e trajetórias, espelhadas umas nas outras.

As impressões que predominam até quase o final são de estranhamento e superioridade por parte dos narradores: o outro, que vem a ser o oriental, parece refratário ao observador, suas cidades parecem hostis, parcela da sociedade é tribal e seu modo de vida arcaico – por serem nômades, vivem à mercê dos ritmos e caprichos naturais. Quando os viajantes anotam informações sobre a cultura alheia, invariavelmente revelam sua incapacidade de avaliar o diferente por ele mesmo: o diverso é pensado com as categorias do mesmo – é assim, por exemplo, que, ao conhecer um símbolo religioso budista, em que se fundem a estrela de Davi e a suástica nazista, o vice-cônsul, chamado no relato de Ocidental, repele o objeto, ou que, em contato com os povos nômades, rechaça a proximidade física que eles praticam ao se cumprimentarem.

No entanto, algumas percepções se alteram. Os ocidentais se percebem, eles também, como exóticos – são olhados com desconfiança e curiosidade pelos itinerantes mongóis e cossacos. Além disso, conceitos vão se relativizando, de modo que o fascínio pela religiosidade extravagante e pelo diferente, realçado pela experiência intensa de um tempo e de um espaço quase irreais, provoca um deslocamento interno nesses narradores. Para o fotógrafo, a Mongólia gerou a obsessão de se lançar numa viagem cega na busca solitária de um monge misterioso e de uma paisagem inexistente: “A paisagem não se entrega. O que você vê não se fotografa” (CARVALHO, 2003. p.148). Para o Ocidental, a Mongólia para

onde fora transferido era um misto de pesadelo e perplexidade: “Tudo é tão irreal. (...) Nada garante que o caderno exista. Nada prova nada, e ainda assim seguimos em frente. O desaparecido atrás do manuscrito, e agora eu atrás dele. É como se todos mentissem e as mentiras fossem complementares” (CARVALHO, 2003, p.148). Por fim, para o diplomata narrador, a revelação de que, por estranha fatalidade, ele conduzira o colega no resgate de seu meio-irmão desaparecido e dessa mescla de vozes nasce sua escrita. Para o leitor, algumas descobertas, como a de que a violência e a intolerância são universais: a virulência com que os comunistas chineses assassinaram os monges e tentaram extirpar o budismo é substituída pela indiferença, não menos atroz em si mesma, de uma sociedade que, frente a duas tiranias, a espiritual e a política, esgota seu pensamento e sua imaginação. Também para o leitor a certeza de que nada é totalmente verdadeiro, a começar pela narrativa embaralhada. A única realidade é a paisagem em sua quase transparência, mesmo que selvagem e sujeita a metamorfoses sazonais. Estepes, montanhas e desertos, na aparência de fixidez, escondem um mundo em mutação, pessoas arreadas mas portadoras de um modo tradicional de ser, aparentemente alheias às modificações planetárias da globalização. Talvez não o suficiente, como atesta o diário do fotógrafo desaparecido:

Há uma violência contida entre os mongóis, que pode se desencadear a qualquer instante. É uma violência louca, uma manifestação da ignorância e da brutalidade que o nomadismo dilui entre as paisagens mais belas do mundo. Mas diante das paisagens desérticas, quando a violência irrompe, é uma surpresa. Os estrangeiros também parecem incomodar os

jovens mongóis. A abertura do país com a queda do comunismo lhes permitiu confrontar a própria pobreza com a riqueza dos turistas. O olhar direto e persistente nem sempre é de curiosidade, como gostariam os que ainda acreditam no mito do bom selvagem. (CARVALHO, 2003, p.171-2)

Nos termos de Stuart Hall, “pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornando a suas ‘raízes’ ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização” (2003, p.88). Nem um nem outro: a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo puro e simples do “global” nem a persistência do “local”. Nos termos de Hall, os deslocamentos são variados e contraditórios, o que “também sugere que, embora alimentada, sob muitos aspectos, pelo Ocidente, a globalização pode acabar sendo parte daquele lento e desigual, mas continuado, descentramento do Ocidente” (2003, p.97).

De certo modo, o resultado comum dos viajantes ocidentais é o descentramento, o abalo íntimo das certezas sobre sua civilização de origem. Desconfiado do guia, único elo com o desaparecido entre gentes de outra língua e costumes impenetráveis, o Ocidental é por ele interpelado: “Você me pediu para fazer o mesmo percurso que fiz com ele [o fotógrafo] há seis meses. Acontece que esse percurso depende das pessoas que encontramos no caminho. Num país de nômades, por definição, as pessoas nunca estão no mesmo lugar. Mudam conforme as estações. Os lugares são as pessoas. Você não está procurando um lugar. Está procurando uma pessoa. Pois é atrás dela que eu estou indo”

(CARVALHO, 2003, p.115). A proposição do guia marca a diferença cultural; as certezas buscadas pelo Ocidental diluem-se na fluidez de fronteiras invisíveis, hábitos exóticos e distensões espaço-temporais. Até mesmo o sentido da busca acaba por enfraquecer, posto que o desaparecido parece não querer ser encontrado.

A única verdade possível é a da ficção, que mimetiza em sua forma o baralhamento de fronteiras, e, assim, ilustra o desenraizamento como condição do sujeito moderno, em diáspora interna e externa. O diferente mongol acaba por trazer o reconhecimento da solidão da paisagem interna e do modo de existência pouco permeável à racionalidade ocidental. Nem melhor nem pior, o mesmo e o outro partilham da solidão dos que habitam espaços amplos e vazios, submetidos tanto à regularidade do costume quanto à assincronia dos tempos da natureza dominadora e parte integrante dos sujeitos e coletividades.

Bernardo Carvalho, com sua ficção, aproxima mundos que, nas margens do Ocidente, operam com categorias convergentes. Não parece muito difícil a um brasileiro identificar em sua própria terra o mesmo tipo de relação ambígua com a história, com a paisagem - como não lembrar dos migrantes nordestinos, da vastidão das florestas amazônicas, da solidão da caatinga ou do pantanal e de seus homens camaleônicos, quase sombras, refratários aos tempos de globais relações? Como dissera o francês Lévi-Strauss em *Tristes trópicos* (1998), ele mesmo um viajante no Brasil e no Oriente, o que parece sintetizar os abismos entre as civilizações é o exotismo, que para ele traduz uma desigualdade de ritmos. Os trópicos envelhecem muito rápido, decomposição e estagnação são muito

próximas e concretas para cidades e gentes, a ponto de quase perderem seu estatuto material: “Em terra, o Pantanal torna-se uma paisagem de sonho” (LÉVI-STRAUSS, 1998, p.151). Se isso segue valendo, os signos de escassez e abundância unem brasileiros e mongóis em pleno século XXI numa espécie de paisagem transparente, véu a acolher as perplexidades e sombras da humana condição dos que vivem em zonas ao sul do Equador.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 11.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro seguido de imagens e miragens da lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- REAL, Miguel. Forma corporis. In: _____. *Portugal ser e representação*. Miraflores: DIFEL, 1998.